

## DE PASSAGEM, UMA PANDEMIA

*Quincas Avelino*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov39>

Para Nilza, Sebastião e suas Romarias. Trouxe, para além da errância, um frio no peito, um gelo triste entre trópicos. O caderno de sonhos está abarrotado até as lombadas de notas –sobre lugares e marginalias. A desigualdade fica, ainda mais, latente, sobretudo a racial, que muitos ainda insistem em dizer que é “desigualdade humana” e “mimimis” como anda na moda (com bastante exclamação). São tempos pós-contemporâneos de pandemia.

A mesma errância que o “marxismo cultural” tenta, a duras penas, transformar em ócio criativo, parece desequilibrada; o bar está fechado, o curioso antimonopólio está cerrado, não por escolha. Próximo dali picharam no muro, o livro semântico dos imaginários da estudantina:

### — Onde enfei meu psicoativo?

Os notívagos deixam o rastro da memória; – famintos por um verão, por um carnaval, sempre na terceira pessoa. Pelo amor das deusas com a benção do bispado normativo – o santíssimo –, recorreremos aos corredores; a gramática científica é uma isca para qualquer demônio que insista na transgressão de dizer, ao menos um dia, que fugiu à censura. Nos corredores do Direito a professora sofreu tentativa de abafar o caso, em plena formatura, mas vejam vocês terceiras pessoas, a educação é emancipadora. Já nos corredores da medicina prenderam a dopamina no centro acadêmico. Oras, tudo por causa de uma “gripezinha”!

Afinal, se o próprio peito não cabe na vida, como caber, a duras preces, em caracteres (cárceres) contidos, restritos e enrustidos?

Pixinguinha, prevendo a gripe espanhola e driblando o racismo, visitou a Banda Cruzeiro do Sul e foi muito saudado no Sul do Brasil ao se apresentar em um sarau de improviso. A legião de carvoeiros estava presente,

não pela ditadura do proletariado, mas pela grandiosa presença do músico carioca em visita ao lugarejo das minas. A rádio tentou transmitir ao vivo, mas não tinha sinal que derrubasse a gripe. Ao chegar na porta, dirigiram o gênio à entrada lateral (das pessoas funcionárias). Pixinguinha nem sequer perguntou:

— **Sabe com quem você está falando?**

Entrou pela cozinha, passou no meio da fumaça do óleo de fritar acarajé, de tabuleiro, e não teve, na apresentação, fonética que transcrevesse o choro “Língua de Preto” e seus complexos acentos bantos. Os músicos questionaram o gênio. Chamaram o dono da banda, o comissário, Zé Pelintra, até Chiquinha Gonzaga mandaram chamar, mas não teve jeito: o músico já tinha entrado pelos fundos e lamentou, lamentou... O porteiro pediu perdão e disse que eram ordens da diretoria.

Ao final de tudo, Pixinguinha perguntou à plateia:

— **O que fariam os carijós sem a literatura oral? E os Laklãnõ/Xokleng ou ainda os Kaingang?**

E dirigindo-se aos mestres e professoras sorriu:

— **Não batizem suas escolas com nome de gente morta!**

Sem reação, o público, aplaudiu.

## **OBRAS CONSULTADAS**

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. 2. ed. Lorena: UK’A Editorial, 2018.